



MARTINHO MANUEL SICÓ

CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS

ACARAPE

2021

MARTINHO MANUEL SICÓ

CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Baclarel em humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Geórgia Maria Feitosa e Paiva

Acarape

2021

MARTINHO MANUEL SICÓ

CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito necessário para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: _/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Geórgia Maria Feitosa e Paiva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dra. Gislene Lima Carvalho (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho aos meus familiares e em especial ao meu pai,
Fernando Manuel Sicó e Veronica Djedjo por terem me acompanhando
neste percurso acadêmico desde o início da minha infância.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus todo poderoso e os meus pais na pessoa de Fernando Manuel Sicó que infelizmente não está conosco, mas acredito que ele acompanha a minha caminhada acadêmica que ele gostava tanto de acompanhar e me deu bastante apoio tanto moral como financeiro no âmbito de eu ter uma boa educação e sem esquecer da minha mãe na pessoa de Veronica Djedjo uma mulher incansável que tem um coração aberta para a sua família, sem esquecer dos meus irmãos Siare Sicó, Libânia Sicó, Andica Djeme, Zi Clésio Ivandro Sicó, por me terem como um espelho no seio da nossa família como sendo o irmão mais velho da nossa mãe e por outrolado agradeço a minha irmã Emília Sicó por apoio moral e financeiro que ela tem me prestadonestes últimos períodos da minha estadia aqui em Brasil, e sem deixar de lado os seus outros restantes irmãos Manuel, Carlos, Naisa, Marisa, Silvina, Edilson, Yannick, Ani.

E aos meus tios queridos na pessoa de Henrique Ampa, Dida Ampa, Zi Clesio Lacerda, João Alberto Djata, Daniel Ampa, Jorge Sambú, Amado Djalo, Leni Djedjo, Alfonso Djeme, SaidoDjedjo, Filipe Mussa Sambú, Oliveira Djedjo e entre outros que na qual não mencionei fico grato por apoio financeiro e moral que me deram nos momentos difíceis e por esta razão tenho uma imensa gratidão com vocês e também sem deixar de lado os meus primos na pessoa de Filomeno Djedjo, Samora Lai Sambú, Lucas Ibraima Djedjo, Juelmo Manuel Gomes. E as minhas queridas tias na pessoa de Filomena Djeme, Sandra Djisulem, Mimososa Lacerda, Sábado Djisulem. E colegas na pessoa de Dixon, Moniz, Moises, Nuno, Carlos, Nelsio e em especial Pedrinho Liberato Vicente Pereira que foi a pessoa que me incentivou na maneira de poder inserir a vida estudantil aqui na Unilab, e agradeço a minha companheira na pessoa de Carina e sem esquecer da minha Prima Ginelsa Vieira Té e o seu namorado Bruno Gomes que foram as pessoas que me ensinavam algumas matérias a respeito de adaptação aos primeiros momentos da vida universitária aqui em Ceará. E também agradeço com carinho enorme e especial a minha prima Elisabete Cudango que foi uma das pessoas que me explicou sobre esse processo de bolsa de unilab na época que estávamos ainda em Bissau.

E em especial agradeço a minha querida orientadora Dr. Geórgia Maria Feitosa, pela paciência,atenção e carinho que teve comigo na realização desse projeto de tcc, que é muito cansativo noque diz a respeito os envios e retornos dos trabalhos, mas por fim, acaba por dar certo.

De igual modo agradeço o pessoal da banca examinadora na pessoa do Dr. Segone NdangalilaCossa e a professora Dra. Gislene Lima Carvalho

Agradeço a instituição (UNILAB) a Universidade da Integração Internacional da

Lusofonia Afro-Brasileira, que foi a minha nova casa de enriquecimento acadêmico. E agradeço a programa de bolsa do Pulsar em humanidades por nos ter dado a oportunidade de ser um dos tutores júnior deste programa, e estendo os meus agradecimentos aos professores das áreas humanas pelas trocas de sabedorias epistemológicas e sem esquecer de agradecer na pessoa da Prof. Dra. Joana Elisa Röwer que é a coordenadora do nosso projeto de pesquisa (trajetos).

RESUMO

Este projeto tem como objetivo de compreender sobre como se constroem as crenças que os jovens guineenses têm a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe. Partimos da hipótese de que as referidas línguas estão passando por um processo de estigmatização por parte dos falantes mais jovens, tendo em vista a diversidade linguística do país, que também reflete conflitos históricos, regionais, culturais, econômicas e sociais desta população. Realizaremos uma investigação qualitativa, exploratória e descritiva, com o uso da técnica entrevista para conhecermos de modo mais aprofundado o fenômeno que estamos estudando. Acreditamos que este trabalho contribuirá para os estudos das ciências humanas e sociais, assim como para linguística e a história, além disso, consideramos que a sociedade guineense poderá se beneficiar dos resultados deste estudo para a implementação de políticas nacionais de valorização da identidade étnica.

Palavras-chave: Guiné- Bissau; crença; estigma; língua étnica; pepel; felupe.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 TEMA	9
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	9
1.3 OBJETIVOS	9
1.3.1 Objetivo Geral	9
1.3.2 Objetivos Específicos	9
1.4 PROBLEMAS	9
1.4.1 Problema Geral	9
1.4.2 Problemas Específicos	10
1.5 HIPÓTESE BÁSICA	10
1.6 JUSTIFICATIVA	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	14
2.1.1 O processo de estigmatização da língua	15
2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU	19
2.2.1 As línguas étnicas: contexto histórico, social, geográfico e econômico	19
3 METODOLOGIA	29
3.1 TIPO DE MÉTODO.....	29
3.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	29
3.3 A COLETA DE DADOS	29
3.4 QUESTÕES ÉTICAS RELATIVAS À PESQUISA VIRTUAL	29
3.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DA PESQUISA	30
3.6 RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA	31
3.7 BENEFÍCIOS DA PESQUISA	32
3.8 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	33
4 CRONOGRAMA	34
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE 1 – INSTRUMENTO DE PESQUISA	37

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

Crenças sobre línguas étnicas.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A construção das crenças que os jovens guineenses têm a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar sobre a construção das crenças que os jovens guineenses têm a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Discutir sobre o conceito de estigma;
- Debater sobre estigma linguístico, étnico e social;
- Identificar os aspectos históricos, econômicos, sociais e geográficos que podem contribuir para a estigmatização das línguas Pepel e Felupe;
- Compreender como os jovens guineenses constroem suas crenças sobre as línguas pepel e felupe.

1.4 PROBLEMAS

1.4.1 Problema Geral

Como os jovens guineenses constroem crenças a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe?

1.4.2 Problemas Específicos

- Para Goffman (2008) e Bacila (2015) o que é estigma e como ele se materializa?
- Quais as relações entre estigma linguístico, étnico e social?
- Quais os aspectos históricos, econômicos, sociais e geográficos que podem contribuir para a estigmatização das línguas papel e felupe?
- Como os jovens guineenses constroem suas crenças sobre as línguas papel e felupe?

1.5 HIPÓTESE BÁSICA

As línguas étnicas Papel e Felupe estão passando por um processo de estigmatização por parte dos falantes mais jovens, tendo em vista a diversidade linguística do país, que também reflete conflitos históricos, regionais, culturais econômicas e sociais desta população, a qual privilegia mais o crioulo e a língua portuguesa que as línguas supracitadas.

1.6 JUSTIFICATIVA

A Guiné-Bissau é um país com muitas línguas étnicas e com base neste aspecto que é considerado rica nas suas diversidades culturais, e as representações dessas línguas étnicas no território guineense faz com que não perdemos as nossas identidades culturais. Segundo Cá e Rubio (2019), há mais de 20 grupos étnicos. Seis desses grupos totalizam mais de 80% do total populacional, são eles: as fulas com 20%, os balantas com 30%, as mandingas com 13%, os manjacos com 14% e os papeis com 7%.

E podemos ver também segundo Couto e Embaló (2010, p. 29), onde demonstrarem as percentagens de cada etnia de seguintes formas; Fulas 20,4%, Balanta 30,5%, Mandinga 12,9%, Manjaco 14,1%, Papel 10,4%, Felupe 1,8%, Beafada 3,4%, Bijagó 2,3%, Mancanha 3,4%, Nalu 0,6%. E com base nessas porcentagens que totalizam o maior número de grupos étnicos que compõem cada língua étnica, podemos ver também, por outro lado, que cada grupo étnico tem o seu idioma específico.

Na representatividade da identidade étnica é vigente na nomeação das línguas, sendo assim, a língua dos balantas se chama balanta, das fulas é fula, das mancanhas é o mancanha, dos papeis é papel, dos felupes é felupe, dos manjacos é manjaco, dos nalus é nalu, é assim sucessivamente. E através dessas diversas línguas é que compõem o território nacional de Guiné-Bissau, e todas essas línguas étnicas são faladas em diferentes partes do território

nacional em que cada grupo étnico está inserido.

As línguas estão intimamente relacionadas às suas etnias, mas falar uma língua pode ser considerada como uma forma de afiliação a uma identidade cultural e/ou regional. Historicamente, os pepéis e felupes conservam as suas línguas étnicas no âmbito de não perderem as suas identidades culturais porque isso é uma das formas de união e representação na esfera da sociedade guineense, e mediante estas realidades podemos ver de que essas duas línguas étnicas são conservadas até hoje.

Com esta pesquisa, poderemos realizar um estudo mais profundo sobre a construção das crenças entre os jovens guineenses e a partir de suas falas, conseguiremos verificar se de algum modo eles percebem essas línguas como estigmatizadas. Vale ressaltar, que esta pesquisa terá caráter inovador, pois não encontramos livros dos autores guineenses que falam sobre esta temática, e este projeto de pesquisa vai servir como uma das produções acadêmicas essenciais sobre a sociedade guineense.

Vale ressaltar que as pessoas constroem as suas crenças e estigmas envolvendo as línguas que pertencem as suas etnias é nesse âmbito que estamos pesquisar para compreender os possíveis processos que poderá estar a contribuir para que futuramente estas línguas étnicas estão a ser cada vez mais menos faladas nas nossas sociedades, por isso, partimos da hipótese que essas línguas estão sendo cada vez menos faladas pelos jovens, tendo em vista que as percebem como manifestações estigmatizadas sedimentadas na cultura da sociedade guineense sobre as línguas étnicas pepel e felupe. Caso nossa hipótese se confirme, pretendemos descrever os possíveis aspectos que contribuem nesse processo de estigmatização dessas línguas, identificando os traços históricos de cada etnia na composição dessas línguas, no âmbito de compreender esse dinamismo socio cultural.

O que me motivou a escolher essas duas línguas étnicas é de que os meus pais pertencem a essas duas línguas étnicas na qual o meu pai é pepel e a minha mãe é felupe e vivi nessas e vivi nessas duas sociedades distintas com realidades diferentes neste âmbito perante aquele meio no decorrer da minha vida em quanto um ser social eu comecei a perceber que à alguma coisa que não está batendo bem no que diz a respeito dos falantes mais jovens na medida que existiu uma diversidade linguística muito enorme perante a nossa sociedade. Percebi de que há jovens que preferem falar outras línguas de que essas línguas que estamos abordando isso é um dos motivos que deu mais vontade de debruçar sobre este assunto tão importante no cenário cultural do nosso país. É bom ressaltar de que por falta de fontes que irão nos ajudar para compor este trabalho algumas partes deste trabalho são baseados pelas experiências próprias na medida que houve falta de materiais perante esta produção acadêmica.

O trabalho está estruturado em dois aspectos fundamentais que é a formação de crenças e atitudes linguísticas e o processo de estigmatização da língua, que se refere os processos que podem caracterizar um estigma num meio social em que estamos inseridos e por outra parte podemos ver as discussões entre as línguas e o contexto de histórico, econômico e social guineense, onde estão estruturados os aspectos que compõem cada etnia de acordo com as suas diversidades culturais.

Para a realização deste projeto, nos debruçamos nos estudos sobre estigma, incorporando os aspectos sociais, históricos, linguísticos, econômicos e culturais a partir dos escritos de Erving Goffman (2008), na sua obra *Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Além de Goffman, trabalhamos com Zélia Maria de Melo (2000), Carlos Roberto Bacila (2015) que nos convidaram a discutir sobre a formação e o papel do estigma na sociedade, na medida que podemos entender como é que esse processo de estigma se alastra nas convivências do nosso cotidiano em diferentes camadas sociais.

No que se refere aos aspectos linguísticos das línguas étnicas, nos baseamos em Filomena Embalo (2008), que trabalhou com o crioulo da Guiné Bissau, dando ênfase a visão sobre como os colonialistas estigmatizavam a língua crioula e os demais línguas nacionais faladas no território da Guiné-Bissau, durante o período da guerra colonial na medida que os portugueses proibiam os cidadãos guineenses de se comunicarem em línguas nacionais e étnicas para eles estas línguas não eram línguas dos civilizados neste caso o português que é considerado língua de civilização. Embora muito importante para esta investigação, a autora não associa a estigmatização aos fatos ocorridos no período da era colonial.

Como podemos observar a questão das línguas étnicas são pouco retratadas, o que nos motivou ainda mais a desenvolver esse projeto, também como forma de dar visibilidade a um tema pouco discutido e tão importante. Para isso, vamos realizar uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Na medida em que se trata de uma pesquisa exploratória, com a finalidade de conhecer o nosso objeto de estudo, e através das informações que vamos obter dos participantes da nossa pesquisa daí podemos descrever como é essas línguas étnicas são representados por esses indivíduos.

E serão considerados para nossa investigação jovens adultos de origem pepel e felupe que desejem compartilhar conosco suas crenças sobre essas línguas. E no que se refere a coleta de dados, será realizado uma entrevista e por estes motivos vamos elaborar um roteiro de entrevista do tipo semi-estruturado onde elaboramos algumas perguntas norteadoras que vai permitir que os entrevistados expressem as suas relações afetivas com as suas línguas étnicas neste caso Felupe/Pepel.

Esse trabalho será fundamental para a sociedade guineense, que como sabemos a produção científica sobre estes aspectos é quase nula e na medida que este trabalho vai poder abraçar os aspectos históricos, geográficos e socioculturais desses dois grupos étnicos que é um benefício enorme sobre a nossa comunidade. E mediante os aspetos teóricos que compõem este trabalho vai servir de ferramenta de consulta dos futuros pesquisadores que vão se interessar sobre está tema tão importante nestes nossos períodos atuais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão discutidos três aspectos importantes das línguas étnicas pepel e felupe guineenses, o primeiro é a construção de crenças e atitudes linguísticas; o segundo trata de uma discussão sobre a estigmatização, em especial de línguas e; por último, será discutida a relação entre línguas pepel e felupe inseridas no contexto histórico, econômico e social guineense.

2.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Para entendermos estas diversidades que envolvem as crenças e atitudes linguísticas, e no âmbito desta construção de crenças que as vezes se verifica perante as nossas sociedades incluindo a nossa própria temática que diz a respeito as línguas étnicas pepel e felupe no seio da sociedade guineenseantes demais precisamos compreender os conceitos que se referem a essa temática.

E dentre vários autores que debruçaram sobre este fenômeno de crenças podemos ver muitas definições acerca deste tema onde, segundo Silva e Aguilera (2014), a palavra “crença”, é originária do latim medieval “credentia”, que vem do verbo “credere”, ou seja, crer. Podemos dizer por poucas palavras de que é a ação de crer é:

[...] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantesde um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2006, p. 18)

Esta definição nos traz uma reflexão muito importante, na medida que o a autora nos mostra como é que a crença se torna como uma construção da realidade de cada indivíduo e demodo que cada pessoa possa compreender o seu mundo da sua forma, e diante desta definição segundo o autor esses aspectos podem até ser um dos fatores comuns de jovens falantes das línguas felupes e pepel.

O conceito de crenças está relacionado aos conceitos de estereótipos, que se referem as estruturas cognitivas preconcebidas aprendidas socialmente a partir das experiências culturais das comunidades. Com relação às línguas étnicas guineenses, é bom frisar os antepassados eramconservadores das nossas línguas étnicas na medida em que buscavam impedir que outras línguas se sobrepusessem às línguas étnicas, inclusive o próprio crioulo,

que a priori deveria ser visto como uma língua secundária na Guiné- Bissau.

Entendemos que as línguas étnicas estão implantadas no seio da sociedade guineense e estão intimamente relacionadas a identidade nacional do país, na medida que os aspectos que envolvem as línguas são conservados pelos seus falantes. E mediante este aspecto que envolve as línguas étnicas, podemos citar Fafina (2015, p. 4):

Para os guineenses, “muda di língua i muda di raça” (mudar de língua é mudar de etnia). Em outras palavras, mudar de língua é mudar de identidade. Por essa razão, o crioulo surgiu naturalmente para resolver um dos primeiros problemas com que se defrontaramos guineenses no período da fundação do Estado. O crioulo serve, assim, como mediador das línguas étnicas, porém é considerado “língua de ninguém”, ou seja, a língua que pertence todos os guineenses.

O autor chama a atenção da comunidade guineense sobre a importância do código linguístico para o movimento de independência. Assim, os falantes das línguas étnicas expressam que se identificam com aquelas etnias, que de algum modo expõem o orgulho de sua identidade linguística, diante disso, falar uma língua étnica é também um ato político, de resistência. Sendo assim, as crenças e atitudes linguísticas perpassam e o cotidiano, oportunizando a esses sujeitos diferentes possibilidades de atuação social e profissional.

Essa relação complexa e inerente entre língua, sociedade e identidade provoca nos falantes posicionamentos frente à língua ou à variedade linguística e, conseqüentemente, aos usuários destas. Desse modo, os indivíduos desencadeiam atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras. (SILVA; AGUILERA, 2014, p. 3)

É com base nas atitudes de rejeição e intolerância, que determinadas línguas étnicas passam a ser menos faladas, especialmente pela população mais jovem, que para alcançar determinadas oportunidades sociais e culturais iminentes ao contexto globalizado, passam a evitar falar essas línguas. Deste modo, acreditamos que os jovens que falam essas línguas são muitas vezes vítimas de preconceito, estigma social e linguístico se as usam em contextos não familiares.

2.1.1 O processo de estigmatização da língua

Estigma é um termo presente na sociedade desde a Grécia Antiga, porém, é a partir da década de 60 do século XX, com Goffman (2008), que lhe foi atribuído conceitos que tomam a sociedade como participante do seu processo de formação. Na obra *Estigmas: notas sobre*

a manipulação da identidade deteriorada, Goffman (2008) convida-nos a discutir sobre a formação e o papel do estigma na sociedade. Desde a publicação desta obra, muitas pesquisas têm sido realizadas em grande profusão, conduzindo elaborações, refinamentos conceituais e repetidas demonstrações do impacto negativo do estigma sobre a vida de pessoas estigmatizadas (LINK; PHELAN, 2001).

Goffman (2008) e os outros autores buscaram relacionar o conceito de estigma sob a visão de que estigma é um processo de segregação estabelecido na esfera social. Na sociedade, provavelmente é possível se deparar com várias ações na medida de inferiorizar, de criar uma imagem estereotipada e entre as outras coisas numa sociedade e este processo de estigmatização é estabelecido socialmente, segundo Goffman (2008), na medida em que esta classificação está enraizada na mente das pessoas através da convivência que as pessoas adquirem nas diferentes camadas sociais.

Para Goffman (2008) e Bacila (2015), a estigmatização ocorre de diferentes maneiras numa camada social, na medida que podemos entender de que maneira ocorrem alguns acontecimentos em determinadas vertentes por exemplo a falta de vontade de realizar algo, as crenças falsas, e principalmente os estigmas tribais de raça, entre eles, a estigmatização das línguas étnicas. É com base nisso que o estigma pode ocorrer devido a três circunstâncias:

Abominações do corpo, como as diversas deformidades físicas; culpas de caráter individual, como: vontade fraca, desonestidade, crenças falsas; e estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos pela linguagem. Em todas essas tipologias pode-se encontrar a mesma característica sociológica: 'um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que se pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 2008, p. 14)

De acordo com Goffman (2008), o estigma pode ocorrer em vários aspectos devido a várias circunstâncias, por exemplo a culpas de caráter individual de pessoas com caso de vícios, opção sexual etc. São práticas que as vezes as pessoas fazem a fim de fazer um pré-julgamento que não deveria fazer por motivo de respeito a outrem, porém o conceito de estigma ou anormalidade vai além das características estigmatizadas em si, é algo que é construído e que ele influencia diretamente na identidade do indivíduo.

E segundo essa grande reflexão podemos ver as contribuições de Bacila que traz uma reflexão muito importante para a nossa geração de acordo com seu livro que tem como título "Criminologia e Estigmas" onde ele faz uma inquietação no que diz respeito à própria temática mediante a maneira que surgiu na esfera social.

Segundo Bacila (2015), como surgiram os estigmas? Esta parece ser uma pergunta

fundamental, pois se acompanharmos o nascedouro dessas marcas sociais, provavelmente poderemos ter ideias de como lidar com o assunto. E o conhecimento histórico será altamente revelador da verdade que envolve a estigmatização. O estudo da história é um caminho seguro para a compreensão da atual civilização, em seus diversos aspectos e, para o presente estudo, de forma especial, como se verá. Somos o produto do nosso passado, isto é, basta ver o que fomos para compreender o que somos.

De acordo com a visão do bacila perante essa sua descrição, que logo no início onde ele fez uma inquietação a cerca dessa temática, a sua preocupação é de saber como é que surgiu esse fenômeno perante as nossas sociedades, e indo mais ao fundo da sua reflexão quando ele fez uma previsão, dizendo que se porventura soubemos da nascença dessas marcas sociais que a estigma neste caso poderíamos saber lidar com este fenômeno.

E entre vários autores que estão a dialogar com esta temática de estigma temos o os três que tentam trazer uma abordagem bem interessante sobre esse dilema da construção dos estigmas nas camadas sociais que estamos inseridos.

Estigma, para Ainlay, Coleman & Becker (1986) é uma construção social, onde os atributos particulares que desqualificam as pessoas variam de acordo com os períodos históricos e a cultura, não lhes propiciando uma aceitação plena social. Deste modo, as pessoas são estigmatizadas somente num contexto, o qual envolve a cultura; os acontecimentos históricos, políticos e econômicos e uma dada situação social, ou seja, a estigmatização não é uma propriedade individual. (SIQUEIRA; CARDOSO, 2011, p. 95)

Mediante esta parte podemos notar de que esse processo de estigma é uma construção social e também são aspectos que estão enraizada na mente das pessoas e os fatores históricos, econômica e entre outros fatores podem contribuir nesse processo de estigmatização que decorem nas nossa vivências no âmbito social.

Dentre os autores que abordaram o conceito de estigma temos Melo (2000, p. 2), o qual credita a esfera social a percepção do estigma:

[...] o social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder e anula todos os que rompem ou tentam romper com o modelo social. O diferente passa a assumir a categoria de “nocivo”, “incapaz”, fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão.

Nesse caso, a sociedade anula o individualismo a fim de manter o padrão por causa do interesse desse dito padrão que será algo que vamos cumprir, como no caso da educação que as pessoas têm hoje em dia neste século XXI a sociedade nos exige a ter um conhecimento acadêmico.

De acordo com vários autores que estão a discutir sobre o aspecto do estigma, que procuram entender de que forma é que ocorre esse processo de estigmatização perante uma sociedade cheio de realidades diferentes, onde cada autor procura trazer aspectos fundamentais para discutir.

Segundo Melo (2000), o estigma é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito; em situações extremas, é nomeado como “defeito”, “falha” ou desvantagem em relação ao outro; isso constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade real. Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade.

Neste caso podemos ver de acordo com essa definição da autora, que existiu uma imagem neste caso um estereótipo que a pessoa cria para poder desmerecer um certo indivíduo e neste âmbito esta situação de estigma é vista como um defeito ou desvantagem da pessoa estigmatizado.

Neste trabalho, pretende-se elucidar discussões sobre a relação da língua com a esfera social na medida em que a linguagem ajuda a suplantar as normas do padrão e as diversidades linguísticas trazendo a discussão sobre norma, prestígio e língua como formas de atuação social. Mediante a reflexão de Melo (2000) que explicou um pouco sobre a obra da gramática crítica que visa esclarecer como que os signos linguísticos são construídos socialmente por dois elementos que é o significado ou uma forma de linguística na sua forma fonética ou gráfica no sentido de poder abranger a própria língua isto tudo vem de uma estrutura mediante relações sociais.

E com base nesse diálogo que fala sobre os signos linguísticos que demonstram como este contexto de estigmatização é construído socialmente, na medida que influencia no meio de comunicação perante uma determinada sociedade, porque este signo linguístico é um dos elementos que acabam por influenciar na via de comunicação na medida que são tidas como sinas de comunicação, que de uma certa forma acabam por inferiorizar algumas certas línguas que não são consideradas como língua padrão, neste caso podemos mencionar a língua portuguesa adotada na Guiné Bissau como língua oficial, mas que concorre com outras línguas, entre elas, o crioulo, que embora influenciado pela LP, seu registro escrito pode ser tomado de forma rudimentar, levando a um processo de estigmatização que gera profundo descrédito e pode também ser entendido como defeito, fraqueza e desvantagem segundo o Goffman (2008).

Com o processo de estigmatização Goffman (2008) destacou-se com as características

que podem contribuir na construção de estereótipo que é o desacreditado e o desacreditável essas duas características que o autor acima indicou é para poder diferenciar essas duas características que visam descrever algo que vai servir de algo para esse processo de estigmatização.

O processo de estigmatização pode variar de acordo com a evidência e a exposição das características do indivíduo. [...] caracteriza dois tipos de grupos de indivíduos de acordo com seu estereótipo: o desacreditado e o desacreditável. O indivíduo desacreditado possui características distintas em relação aos normais, sendo estas conhecidas e perceptíveis por estes. O desacreditável também possui características distintas das dos normais, mas nem sempre conhecidas e percebidas por eles. Essas duas realidades podem encontrar-se respectivamente na relação estigmatizados e normais. (GOFFMAN, 2008, p. 38)

De acordo com a análise de Goffman (2008) essas características têm uma grande repercussão na vida social, por parte de criação de estereótipos que acabam influenciar várias pessoas, é nesta medida que o Goffman (2008) caracterizou essas duas realidades para poder demonstrar como é que esses aspectos atuam na vida cotidiana dos indivíduos, e na medida em que essas características se divergem de modo diferenciado, e o indivíduo desacreditado é no momento que o indivíduo possui características distintas em relação aos normais sendo estes conhecidas por mesma e por outro lado o indivíduo desacreditável possui características distintas como o do primeiro mas sempre conhecidas e percebidas.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU

2.2.1 As línguas étnicas: contexto histórico, social, geográfico e econômico

Antes de fazer uma breve contextualização da Guiné-Bissau e as suas diversidades culturais mediante as etnias de modo em geral, gostaria de fazer um mapeamento sobre as línguas étnicas de acordo com as popularidades das etnias vigente na Guiné-Bissau.

De acordo com dados de Namone (2014), a Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental africana. Faz fronteira ao norte com o Senegal, a este e sudeste com a República da Guiné Conacri e ao sul e oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Além do território continental, tem ainda a parte insular que compõe os arquipélagos de Bijagós, formados por mais de 80 ilhas. A superfície total da Guiné-Bissau é de 36.125 km² e é administrativamente dividida em 8 regiões e 37 setores, incluindo o setor autônomo de Bissau, a capital do país.

De acordo com Couto e Embalo (2010), na Guiné-Bissau apenas 4,26% dos falantes

falam somente o crioulo e 44% falam crioulo e outras línguas maternas. O português hoje é utilizado por pouco mais de 13% da população. E o crioulo apesar de não ser a língua oficial é a língua mais falada quotidianamente nas ruas do território nacional, e sendo assim é correntemente utilizada nas instituições públicas, em muitos discursos oficiais e até debates da própria assembleia nacional. E também não sendo a língua do ensino, ela não deixa de ser recursos de muitos professores, na medida de poder fazer com que os alunos possam compreender bem as matérias, às vezes é por deficiência do próprio conhecimento sobre a língua português entre ambas partes.

Segundo Embalo (2008), a partir dos anos vinte do século XX ele (o crioulo) começou a ser estigmatizado e a sua utilização acabou por ser interdita pelas autoridades coloniais, o mesmo acontecendo com as línguas das comunidades etnolinguísticas. O “kriol” passou a ser visto como uma língua de “não civilizado” e aquele que falasse português era considerado “civilizado”.

De modo que a partir do século XX, o crioulo e outras línguas começaram a ser estigmatizados neste caso rejeitado pela própria autoridade colonial, no momento e mesmo sabendo de que a língua crioula e outras línguas estavam ganhando uma dimensão enorme no seio das sociedades, eles ainda passavam a ver essas línguas como as línguas dos não civilizados e aqueles que falavam português eram considerados como os têm a civilização.

Os sujeitos nascidos na Guiné-Bissau são plurilíngues, e antes de falar do Português como a língua oficial, o idioma que ocupa o lugar de segunda língua, o povo guineense, conforme veremos a diante, ainda conserva as línguas maternas (as línguas étnicas) que estão bastantes presentes nos contextos comunicativos da vida cotidiana dos guineenses, mas pouco a pouco são esquecidas em decorrência do uso proeminente do português e do crioulo. As últimas estimativas (1983) apontam que menos de 15% dos guineenses falam português. Em termos de uso de língua portuguesa na Guiné-Bissau podemos ver que a língua portuguesa é mais usada nas escolas ou nas instituições de estado do país, é raro ouvir as pessoas a falarem o português nas ruas.

E de acordo com essa abordagem sobre a língua portuguesa no contexto do seu uso na camada social guineense vamos trazer uma breve discussão sobre como se apreende a língua portuguesa no contexto de uso nos *status* sociais. Conforme aponta Mendes (2011, *apud* CÁ, 2019, p. 402):

[...] aprender uma língua como o português é aprender a estar socialmente em português, isto é, a usar a língua portuguesa no seu diverso modo e contexto, dado que sem o uso a língua não passa de uma abstração. [...] Nessa breve discussão teórica,

Mendes demonstra que para entender a língua como português é preciso aprender socialmente em português na medida que vais ter um contato bem direto com a língua, mas a não uso da língua se torna uma coisa que não se pode separar.

Na Guiné, existem cerca de 20 línguas nacionais, cada uma delas pertence a um grupo étnico. A representatividade da identidade étnica é vigente na nomeação das línguas e cada qual tem o seu nome, sendo assim, a língua dos balantas se chama balanta, das fulas é fula, dos mancanhas é o mancanha, dos papéis é papel, dos felupes é felupe é assim sucessivamente.

2.2.1.1 A Língua papel

No que diz a respeito aos grupos étnicos, é muito bom que tenhamos os grandes pensadores que nos trazem um pouco dos conceitos que visam mostrar como se dá esta relação. De acordo com Osaghae (*apud* MENDES, 2015, p. 103):

Conceitualmente, o grupo étnico ou etnia é uma entidade consciente diferenciada, onde as pessoas se definem a si próprias como diferentes das outras (nós versus vós) como base em certos critérios objetivos como a língua e o mito da descendência comum, que deve ser articulada com o poder local. Ou seja, a etnia é uma entidade caracterizada por uma mesma língua, uma mesma tradição cultural e histórica, pela ocupação de um mesmo território, por uma religião ou crença e sobretudo pela consciência coletiva de pertença a essa comunidade.

Mendes (2015) nos faz perceber de como se dá o conceito dos grupos étnicos de cada etnia com as suas diferenciações em termo da língua, crenças e culturas na medida que cada grupo étnico constrói a sua identidade local. Primeiramente vamos tentar especificar os aspetos históricos, económicos, geográficos e sociais sobre a língua Pepel na Guiné-Bissau.

As oito regiões que compõem o território de Guiné-Bissau, um deles que se chama região de Biombo, esta região reagrupa três setores: Biombo, Safim e Prábis. Aqui, nessa região a etnia predominante é a etnia papel, os mesmos que deram o nome a capital da Guiné.

Segundo Gomes (2016, *apud* GARRAFÃO, 2016), os papéis foram os primeiros habitantes de ilha de Bissau. A hipótese mais aceita, segundo o autor, baseia-se na tradição oral e faz preceder os papéis, habitantes de Bissau, aos biafadas. Segundo esta tradição, Mecau, filho de um rei de Quinara, andando à caça, chegou à ilha de Bissau. Gostou muito do lugar e resolveu aí instalar-se. Trouxe, depois, as suas seis esposas e também a sua irmã mais velha, já casada. A irmã garantia-lhe a sucessão, de acordo com o costume matriarcal, segundo o qual é o sobrinho, filho da irmã mais velha e não o filho do rei, quem sucede ao trono. Mecau seria, pois, o primeiro rei de Bissau.

Podemos perceber de que a etnia Pepel vem de uma estrutura matrilinear na medida que

a irmã do rei neste caso já tem o seu filho como o futuro rei do clã por motivos de ser o sobrinho do rei Mecau.

Cada clã simboliza e representa um animal cujo nome se serve de sobrenome a essa da família. O clã de *Bassassum* representa o sobrenome Nanque (a onça). Este clã que é também o dos nobres, utiliza, igualmente, o sobrenome *Ié*, pois, na tradição, acredita-se que pessoas com esse sobrenome sempre são bravos igual a onça, razão pela qual exercem, politicamente falando, funções de comando (os reis, denominados de *Djagras*). O clã de *Djagras*, é escolhido no meio de outros clãs para ocupar a posição dos nobres e é dado o poder de governar e comunicar com os ancestrais e os sobrenaturais de outros clãs, como o de *Bossutchu* cujo apelido é *Djú* (urso-formigueiro); o de *Bossafinté* cujo apelido é *Té* (o lebre); o de *Bossó* cujo apelido é *Có* (o sapo), estes dedicam-se ao cultivo e estão sempre imersos na água e na lama, razão pela qual são chamados de sapos; o de *Bodjukumó*, denominados de *Cá* (a hiena), pessoas dessa linhagem são conhecidos como valentes guerreiros com suas manias de atacar o inimigo igual à hiena. O clã de *Baíga*, o de *Sá* (antílope), faz-se notar pela sua graciosidade e sua elegância à imagem do antílope (ave conhecido na língua nacional do país como “frintambá”) e, por último, o clã de *Botat*, denominados de *Indi* (macaco), pois tornaram-se mestres na extração de vinho de palma e, para realizar esse serviço, adotaram a mesma maneira usada pelo macaco para subir em qualquer árvore (DJALÓ, 2013).

É assim que são estruturados os clãs que compõem a etnia pepel na sua dimensão histórica e social, onde existe os “djagas” que posteriormente seriam os herdeiros do trono do reinado, que é um lugar de grande relevância segundo as tradições da etnia pepel que visa, estabelecer uma boa convivência no seio daquela sociedade.

De acordo com várias informações sobre a etnia pepel é bom realçar a situação econômica que diz a respeito à meio de produção desenvolvida pela comunidade local, na possibilidade de mostrar os seus meios de atividades econômicas que lhe servem do sustento perante aquele meio.

Na verdade, uma das atividades econômicas que é mais praticada no interior de Guiné-Bissau é a “agricultura”, é uma das atividades predominantes para a etnia pepel, sendo o cultivo de arroz o mais realizado, além da plantação de mandioca e outros alimentos. A agricultura é para os pepeis uma prática cultural, pois os seus antepassados já a praticavam e ensinaram para seus descendentes os seus ensinamentos. Perante este fator econômico que acabamos de ver atrás sobre a etnia pepel há, também uma das trocas comerciais que se verificaquase em todas as etnias na Guiné-Bissau por exemplo na década de 60. Essas trocas comerciais resultam em vários produtos entre as quais arroz, batata, feijão, sal, e entre vários alimentos, namedida em que se

uma pessoa não tiver arroz por exemplo e o outro tem arroz, mas precisa desal daí vai ocorrer essa troca.

Segundo Paula Pinto (2009, p. 40), a diversidade de modos de produção neste pequeno território resultou no desenvolvimento de uma rede de dependências mútuas, de modo que:

Os Manjacos, especialistas na extração do vinho de palma, não o produzem apenas para seu consumo, mas vendem-no também aos Balantas. O óleo de palma pode ser dado aos Fulas em troca dos produtos dos famosos artesãos de Bafatá ou de Kaabú. As etnias do Norte vêm também trocar os seus produtos agrícolas pelos têxteis dos Mandingas; e se este comércio não é directo, os Djilas ou os Mauritanos (que aqui se chamam Nar's) encarregar-se-ão dele.

De acordo com esta passagem histórica podemos ver como é que as atividades econômicas baseadas nas trocas comerciais eram feitas na cada localidade do interior do país, na medida que quando uma pessoa tem uma quantidade significativa de produto automaticamente ele prefere trocar com a pessoa que necessita daquilo que lhe falta, é assim que fazem essa troca recíproca do produto que o outro mais necessita.

Este relato é ilustrativo do dinamismo económico e da rede de trocas inter-étnica que existia previamente à instalação dos portugueses, e que começa a recuperar importância algum tempo depois da independência. Mas parece-nos útil fazer uma breve aproximação às principais características e atividades das etnias maioritárias da Guiné-Bissau, nomeadamente, manjacos, mancanhas e papéis, mandingas, fulas e, posteriormente e de forma mais pormenorizada, balantas. (PINTO, 2009, p. 34)

Com esta breve citação, podemos notar de que devido esta troca de produto que se verifica em vários grupos étnicos é tida como um meio favorável de fazerem as suas comercializações de uma forma mais justa e fácil. Diante deste cenário económico bastante dinâmico, as línguas étnicas sofriam muitas interferências umas das outras e a variação linguística da língua pepel sofreu algumas mudanças devido o aspecto social que se encontrava as tribos da etnia pepel nas suas deslocações um exemplo claro quando chegaram ao Bissau na medida que algumas das suas palavras sofreram a influência do próprio crioulo.

Vale destacar que na etnia pepel, em diferentes aldeias do país, principalmente na região de Biombo que é o sítio com mais predominância dos pepeis, uma criança antes de nascer naquele meio a preocupação dos pais é se será menina ou rapaz, e qual é o nome do futuro recém-nascido, na medida que acabam por dar nome de acordo com a situação da criança antes de nascer, é por isso que muitas pessoas têm nomes de acordo com o idioma do seu grupo étnico (como no meu caso herdei o nome do meu tio que é chamado “*Anhori*” na etnia Pepel significa me fez companhia, em crioulo “*Bu kumpanham*”).

Para falar da questão de acesso à educação e status social dos pepéis, é bom revisar a situação da educação de Guiné-Bissau de acordo com a nossa realidade, de modo que a própria capital que é Bissau tem algumas carências no sector da educação, além disso, as estruturas educativas são centralizadas na Bissau, as zonas do interior do País como neste caso o Biombo que é a terra onde reside um número significativo de pepéis que não têm acesso à educação ao nível das instalações escolares do capital. Por isso que as zonas do interior deixam de ter instalações escolares nas suas localidades, mas sim neste aspecto esta situação acaba por interferir nessas zonas do interior do capital.

As estruturas e as ações educativas ainda são muito centralizadas e pouco diversificadas. Isso faz com que a adaptação às características regionais se torne difícil, o que limita, em consequência, a participação das comunidades e a inserção em seu meio. O sistema não consegue contribuir para reduzir as assimetrias de desenvolvimento regional e local nem garantir a igualdade de acesso às crianças. As melhores escolas e os melhores professores continuam sendo privilégios da capital e de algumas cidades do centro urbano. (SANÉ, 2018, p. 67)

Nessa abordagem podemos notar de que com a falta de algumas estruturas até na capital do País é assim também que a sociedade dos pepéis se deparam com dificuldades no aspecto do sector da educação. Na região de Biombo concretamente na “ondame” (é uma das localidades da região de Biombo), nessa localidade daquela região tem duas escolas de referência, uma é privada de nome escola de “nhefe” e outra é uma escola pública, mas tem outras escolas nos redores do Biombo como escola das missões religiosas que são chamadas de (escola de Padre) e a seguir temos a escola de “kinsana”, “blom”, “usso” e entre outras escolas, mas nestas instalações escolares que eu acabei por referir são os que fazem parte da região, a escola que é considerado uma das referências é aquele que fica situado nas zonas de Ondame. É óbvio de que estas estruturas escolares acarretam de algumas dificuldades como no caso de falta de professores e algumas manutenções que devem ser feitas.

No que diz respeito de dos status sociais dos pepéis tem a ver com a própria aderência da população por motivos de terem uma boa educação que futuramente irá contribuir o desenvolvimento das suas localidades. E os pepéis é uma das etnias que conhecidas pela sua língua e as suas manifestações culturais como por exemplo danças tradicionais que representam nas suas localidades e também conhecidas pela suas trajes e ritual fúnebres de modo que estes aspectos preservam as suas identidades locais no seio da sociedade dos pepéis.

2.2.1.2 A língua Felupe

Para falar da sociedade Felupe é bom ressaltar os fatores que compõe essa sociedade como: o fator histórico, cultural, geográfico, econômico e social, com o propósito de poder entender as relações no seio da cultura felupe, e as suas diversidades linguísticas.

A sociedade Joola (na Guiné-Bissau designada Felupe), ocupante dos territórios compreendidos entre a região oeste do Casamança, no Senegal, territórios da Gâmbia e o noroeste da Guiné-Bissau (MOTA, 1954, *apud* BOTELHO, 2019). Segundo fontes orais, este grupo, originário do Egito, teria viajado pelo norte de África no século 20 a.C., passando pela atual República do Níger, até que as guerras e a seca os forçaram seguir para o para sul (SKUTCH, 2005, *apud* BOTELHO, 2019).

Uma minoria foi a primeira ocupante da região a sul do rio Gâmbia, ao ter fugido das redes de tráfico de escravizados para os pântanos de Casamança (Idem). Crê-se, também segundo fontes orais, que o centro de dispersão dos dialetos *Joola-ajamaat* (agregado de dialetos onde se insere o dialeto felupe (MOTA, 1954; LINARES, 1970, *apud* BOTELHO, 2019) é uma aldeia da GuinéBissau muitopróxima da fronteira, onde ainda hoje se estabelece o *Diola boukin*, considerado o mais poderoso altar *awassen* (SKUTCH, 2005, *apud* BOTELHO, 2019), da religião tradicional Joola (BAUM, 1999, *apud* BOTELHO, 2019).

Podemos ver como é que se deu a situação geográfica da etnia felupe de acordo com as mudanças feitas pelos seus antepassados, como no caso também das guerras e secas que têm sido um dos fatores das suas mudanças de um território para outro e por último, no que diz a respeito à tráficos de escravizados que ocorriam no período colonial.

E no que se refere as suas cerimônias os felupes são originalmente animistas, onde praticam as suas cerimônias com o que chamamos de Irã é aí que cada indivíduo vai fazer as suas suplica que futuramente esperam acontecer os seus desejos. E também tem cerimônias que só as mulheres fazem que é chamado de Karayak nessa cerimônia os homens não são bem- vindos naquele meio é uma regra ao passo também que a cerimônia da iniciação que é o que chamamos de ``fanado`` em crioulo nesta cerimônia também não é permitido a presença de mulher o que podemos chamar de preservação de segredo para os homens.

A etnia felupe está dividida geograficamente na dimensão territorial entre Gambia, Senegal e Guiné-Bissau. A distribuição dos Joola pode ser identificada em três subgrupos geográficos (PÉLISSIER, 1968; LINARES, 1981; MARZOUC, 1993, *apud* BOTELHO, 2019).

O primeiro subgrupo diz respeito aos que se instalaram na margem norte do rio

Casamança e na Gâmbia, islamizados, cuja organização do trabalho assenta no género e em classes de idade. Este subgrupo adicionou à cultura do arroz a cultura do amendoim (Idem). O segundo subgrupo corresponde aos felupes do Leste de Casamança, que sofreram forte influência dos Mandinga, islamizados, e cuja forte hierarquização social afeta a divisão do trabalho agrícola, tendo-se destinado a cultura do arroz às mulheres e a do amendoim aos homens (Ibid.). O terceiro subgrupo é constituído pelos felupes que habitam desde a margem sul do rio de Casamança, no Senegal, até ao rio Cacheu, na Guiné-Bissau (Ibid.). (BOTELHO, 2019, p. 15)

Podemos ver como estão divididos esses subgrupos da etnia joola (felupe), e as suas pretensões religiosas e as organizações do trabalho que eles estabelecem no seio daquela sociedade. Olhando para o último subgrupo que é a terceira que são os que habitam na margem sul do país vizinho até rio Cacheu na Guiné-Bissau, a uma passagem que diz assim:

Esta é a zona mais úmida e de mais difícil acesso, e por isso se pensa ser este o grupo mais inalterado da etnia, desde a sua chegada do norte de África, pelo seu isolamento comparativamente com os felupes das outras localizações geográficas referidas. (MOTA, 1954; SKUTCH, 2005, *apud* BOTELHO, 2019, p. 15)

Deste último subgrupo, cerca de 20% permanecem estritamente animistas, sendo a maioria cristãos nominais (SKUTCH, 2005, *apud* BOTELHO, 2019). Praticam a orizicultura de origem africana, pedra base da religião e organização social, que assenta em classes etárias e, de forma igualitária, nogénero (DAVIDSON, 2015, *apud* BOTELHO, 2019). Como acontece por toda a Guiné Bissau, à cultura do arroz o subgrupo em causa acrescentou a criação de pomares de caju, devido à crescente expressão da monocultura desde o término da guerra civil (FUMAGALLI, 1999, *apud* BOTELHO, 2019). Evidentemente que a descrição aqui apresentada apenas faz menção a traços gerais dos referidos subgrupos e que muitas outras variantes destas sociedades agrárias têm lugar, mais propriamente, ao nível das povoações locais.

Com base neste trecho, é possível identificar qual é a atividade mais predominante no seio desta sociedade, que é a agricultura de arroz tendo em conta também o solo fértil daquela localidade que é muito favorável pelo cultivo de vários produtos agrícolas. Para além do subgrupo que caracterizam a sociedade dos felupes também a uma divisão de acordo com as dispersões geográficas.

Assim, além dos subgrupos listados acima, há outras formas de divisão da sociedade Joola de acordo com a sua dispersão geográfica e com as atividades e tradições que daí surgiram (SKUTCH, 2005), designadamente os subgrupos *Kassikinai*, *Kajamutai* e *Kassukai*, dos quais os últimos dois formam um só grupo, o *Kujamaatai*. A explicação é a seguinte: os *Kassikinai* são os baiotes e a estes pertencem as aldeias de Caussum, Arame, Jobel, Elia, Colage e Nhambelam, na Guiné Bissau; ao *Kujamaatai* pertencem os que se dizem felupes, subdivididos em *Kajamutai* e *Kassukai*. Os baiotes,

originalmente felupes, foram desenvolvendo um dialeto e um sistema agrário diferente, em resposta ao seu isolamento e adaptação ao território que adquiriram, constituindo um grupo à parte da sociedade Joola (*idem*). Aos *Kajamutai*, pertencem os territórios com vasta rede de irrigação e abundância de mangais, onde se encontram Elalab, Edjim, Jufunco, Oissor e Bolol, na Guiné Bissau (*Ibid.*). Aos *Kassukai*, pertencem as aldeias mais próximas do litoral, nomeadamente Suzana, Budjim, Edjaten, Cassolol, Hassouka, Varela, Ial e Catão, com bairros dispersos na Guiné e no Senegal (*Ibid.*). Estima-se que a sociedade em discussão perfaz um total de 572 mil indivíduos, dos quais 15 mil ocupantes do noroeste da Guiné (*Ibid.*). (BOTELHO, 2019, p. 15)

Com essas divisões podemos ver os nomes de cada aldeia da etnia felupe, na medida que os nomes da composição são distintos. É bom salientar que há uma diferença entre os dialetos da língua felupe, em que os baiotes que são os *Kassikinai* e ao *Kujamaatai* que pertencem aos que dizem ser felupes subdivididos em *Kajamatai* e *Kassukai*. É por este motivo que haja uma diferença em termos da língua felupe na maneira de falar de alguns grupos que são os baiotes.

Os territórios dos felupes têm uma grande trajetória, no que diz respeito às suas mudanças fronteiriças de um sítio para outro e acabaram por se alastrar por toda a parte que ocupavam. Apesar desta destriça, traçada por força das fronteiras políticas, segundo os próprios felupes, não se verificam efeitos separatistas entre si. Antes pelo contrário, há um sentimento de pertença a um grupo além-fronteiras que se reflete nas relações de interdependência e complementaridade fortíssimas, desenvolvidas a cabo das pontes económicas e sociais que os países que albergam os reinos da etnia construíram entre si (LINARES, 1970, *apud* BOTELHO, 2019).

No que diz respeito de boa relação entre os felupes das outras partes do país vizinho, como dizem tem uma boa relação entre os que estão nas outras zonas, até que os laços familiares se verificam muito entre eles.

No que se refere o acesso à educação e status social dos felupes, podemos ver que na questão de acesso à educação nos arredores de Suzana que faz parte do São Domingos que é um sector da região de Cacheu na Guiné-Bissau, onde existe um número significativo dos felupes que residem naquela localidade, quase sofre a mesma realidade no que diz respeito ao acesso à educação como nas outras localidades do interior do país. Antes de falar sobre as dimensões escolares nas zonas de Suzana é bom salientar de que existe muitas aldeias ao redor daquela localidade, como por exemplo temos Varela, Arame, Jobel, Elia, Colage, Bulol, Edjin e entre outras aldeias, de modo que nem todas as aldeias de secção de Suzana é que tem uma instalação escolar, esta situação é uma das mais preocupante no que se passa nestas zonas.

A Suzana é uma das localidades que tem mais boas estruturas para um bom ensino, em

relação as outras aldeias, é por isso que houve um grande fluxo de estudantes das outras aldeias que deslocam das suas aldeias para poderem dar continuidade aos seus estudos, onde cada aluno é obrigado a deixar as suas famílias para irem na Suzana, em busca de um familiar conhecido para poder abrigar.

Quanto a status sociais dos felupes, podemos ver que são conhecidos pelas suas tradições e festejos que herdaram dos seus antepassados isso faz com que os felupes não percam seus rituais e costumes que são feitas anos pois anos. E também os felupes têm bastante respeito pelos homens mais velhos nas aldeias porque consideram aqueles mais velhos como sendo uma biblioteca, na medida que os velhos são dotados de muitos conhecimentos, é por isso que quando um velho fala a respeito de uma coisa, os mais jovens dão ouvido ao conselho mais velho. Como dizia o: Hampate Ba, na sua obra a tradição viva, “A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra”.

E também há uma da tradição mais respeitada da etnia felupe que é a circuncisão que é chamado em crioulo de “fanado” esta prática é feita pelos homens no período da época de colheita de arroz, com a finalidade de garantir o sustento das pessoas que vão poder ingressar nesse ritual tradicional, este ritual antigamente acontece de 30 em 30 anos, mas nos dias de hoje acontece por volta de 25 a 25 anos por causa da nossa era de modernidade.

Essas são as realidades da etnia felupe de acordo com as suas vivências naquele meio cultural cheio de tradição e de segredos e tem várias coisas que os mais velhos não costumam revelar os segredos.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE MÉTODO

Vamos realizar uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Trata-se de uma pesquisa exploratória, pois pretendemos conhecer sobre o nosso objeto de estudo, e a partir dessas informações poderemos descrever como as línguas étnicas são representadas pelos participantes.

3.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

Serão considerados *corpus* desta investigação os dados orais colhidos em entrevistas com sujeitos adultos. Serão entrevistados estudantes universitários da Unilab nascidos em Guiné-Bissau, cujas etnias sejam: Pepel e Felupes.

Para a coleta desses dados será realizada uma entrevista, e por este motivo iremos elaborar um roteiro de entrevista semi-estruturado pelo qual vamos elaborar um conjunto de questões norteadoras que permitirão que os entrevistados expressem a sua relação afetiva com as línguas étnicas.

3.3 A COLETA DE DADOS

A coleta de dados iniciará com o recrutamento que se dará através do contato pessoal dos autores da pesquisa com seus colegas estudantes de Guiné-Bissau. Por se tratar de uma amostra por conveniência, contaremos com a participação de pessoas que sejam falantes fluentes de língua portuguesa e das línguas étnicas. O recrutamento se dará por convite pessoal para os jovens universitários da Unilab nas localidades de Acarape e Redenção. As entrevistas ocorrerão via google meet ou por vídeo chamadas pelo aplicativo do WhatsApp.

3.4 QUESTÕES ÉTICAS RELATIVAS À PESQUISA VIRTUAL

Afirmamos aqui o compromisso de atender a todas as disposições do Ofício Circular N. 2/2021/CONEP/SECNS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021), para garantir o conforto e a segurança dos participantes e dos dados provenientes das coletas de dados com os informantes, quais sejam:

- 1) O Recrutamento será realizado de modo exclusivamente pessoal e individual, via contato telefônico, e-mail ou WhatsApp, não serão usadas listas ou grupos para recrutamento ou comunicação com os participantes;
- 2) O convite para a participação conterá um link para endereço eletrônico ou texto com as devidas instruções de envio, que informem ser possível, a qualquer momento e sem nenhum prejuízo, a retirada do consentimento de utilização dos dados do participante da pesquisa;
- 3) Antes de responder ao TCLE, o participante terá acesso ao conteúdo do instrumento, por meio dos tópicos, e poderá decidir se quer ou não participar da investigação;
- 4) Após o consentimento, encaminharemos ao participante de pesquisa, a resposta de ciência do interesse do participante de pesquisa retirar seu consentimento;
- 5) Durante o processo de consentimento, esclareceremos aos participantes de maneira clara e objetiva, como se dará o registro de consentimento para participar da pesquisa, além disso, nos disponibilizaremos para tirar dúvidas;
- 6) Os documentos em formato eletrônico relacionados à obtenção do consentimento apresentarão todas as informações necessárias para o adequado esclarecimento do participante, com as garantias e direitos previstos nas Resoluções CNS n. 466 de 2012 e n. 510 de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012; 2016) e, de acordo com as particularidades da pesquisa;
- 7) Realizaremos o armazenamento das entrevistas e TCLEs em computadores pessoais, e tão logo acabem as entrevistas deletaremos as reuniões das nuvens ou ambientes compartilhados, de modo a garantir a segurança e privacidade.

3.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DA PESQUISA

Serão considerados com critérios de inclusão, sujeitos com idades entre 18 e 36 anos, que estudam na Unilab, nascidos na Guiné Bissau que pertencem e falam as línguas étnicas Pepel e/ou Felupe. Desta investigação, serão excluídos os informantes que se encaixam neste perfil, mas que não têm disponibilidade ou interesse em partilhar suas experiências, assim como estudantes com idades inferiores ou superiores aos indicados, assim como pessoas de outras nacionalidades e ou estudantes guineenses que não falam essas línguas étnicas.

3.6 RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA

Durante a realização desta pesquisa possivelmente podemos encontrar alguns riscos, mas na medida que estivermos perante estes tipos de circunstâncias vamos imediatamente adotar uma forma de minimizar essas situações para que não haja uma má repercussão. Com base nesses aspetos, neste caso iremos delinear os possíveis riscos que podemos deparar durante as nossas entrevistas como os seguintes:

- **Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/ entrevista:** Para tentar minimizar este risco, informaremos ao entrevistado que o protocolo terá duração de vinte a trinta minutos, e diante de sua aceitação, tentaremos ser breves na condução da entrevista, que terá como foco o protagonismo do relato dos entrevistados;
- **Invasão de privacidade:** Como medida de minimização deste risco, criaremos e informaremos o link da reunião dez minutos antes da entrevista e o encaminharemos via contato pessoal por e-mail ou mensagem instantânea. Garantiremos ao participante que ele tem o direito de abrir ou não sua câmera, e que poderá, caso queira, responder a pesquisa usando o microfone ou o chat disponível na plataforma. Mesmo tomando tais cuidados, caso a reunião seja alvo de invasão em algum momento durante as entrevistas, vamos imediatamente suspender aquela reunião e abrir uma outra nova sessão de entrevista;
- **Embaraço de interagir com estranhos medo de repercussões eventuais:** De modo que quando vamos fazer as entrevistas, possivelmente podemos deparar com sujeitos que não se sintam confortáveis com a presença de um dos pesquisadores por questões étnicas ou sociais, nesse caso, o protocolo de pesquisa será conduzido apenas pelo pesquisador que o sujeito se sentirá mais a vontade para conversar sobre as línguas étnicas;
- **Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado:** Buscaremos usar linguagem humanizada, e tomaremos como base questões norteadoras (Apêndice 1) que não trazem juízo de valor. Caso o participante sinta-se constrangido sobre algum tema abordado, o acolheremos e prestaremos suporte emocional. Vamos garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades. A nossa pesquisa vai concentrar-se principalmente nos aspectos de valores culturais das comunidades como: Pepel e Felupe, é por isso que vamos tomar todas as cautelas

necessárias, para poder coletar as informações favoráveis que vão resultar futuramente num bom projeto de pesquisa. Também buscaremos minimizar o desconforto, garantindo uma sala virtual exclusiva para a entrevista individual e liberdade para não responder questões. Garantimos também, que estaremos atentos aos sinais verbais e não verbais de desconforto; Durante as entrevistas pode haver algumas pessoas que ao responder as questões podem apresentar alguns sinais verbais do desconforto, e neste caso iremos estar atentos a esses tipos de acontecimentos, e a solução para estes tipos de caso, é tentar acalmar o entrevistado para poder se sentir relaxado e tranquilo para podermos prosseguir atentamente com a entrevista;

- **Os riscos do recrutamento das pessoas que vão participar na pesquisa:** Para evitar constrangimentos, nosso recrutamento será realizado virtualmente de modo discreto e pessoal através de ligações pessoais, mensagens instantâneas, o que não compromete a privacidade, a autonomia, a liberdade de escolha do participante.

3.7 BENEFÍCIOS DA PESQUISA

Esta pesquisa trará benefícios sociais, pessoais e científicos. No que diz a respeito nossa temática de pesquisa que é o processo de estigmatização das línguas étnicas Papel e Felupe na Guiné-Bissau, esta investigação se destaca, pois não encontramos trabalhos que falam acerca dessas temática, além disso, podemos mencionar o ganho social com esta pesquisa, tendo em vista que o povo guineense poderá ter acesso a um material de consulta a respeito dessas línguas étnicas, entendendo mais a respeito de suas formas de manifestação e sobre como os falantes pensam a respeito delas, e este material poderá ser acessado por sujeitos de outras nacionalidades, como sabemos de que hoje em dia à uma diversidade enorme no campo acadêmico, em que tem pessoas que uma outra realidade sem conhecer o próprio país em que ele pretende fazer a pesquisa.

Nossa pesquisa também agregará às ciências humanas, pois daremos ênfase ao uso de línguas muitas vezes inviabilizadas como as línguas Felupe e Pepel, que muitas vezes estão condicionadas a processos históricos e sociais de estigmatização de seus povos.

3.8 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Com base nessas perguntas elaboradas (disponíveis no anexo 1 deste projeto), construiremos as seguintes categorias de análise: 1. Crenças sobre as línguas pepel e felupe; 2. Estigma Social; Estigma Linguístico. Nossa análise relacionará as categorias, de modo que entenderemos se os estigmas sociais das etnias contribuem para que os jovens guineenses sintam desconforto ou constrangimento em falar suas línguas étnicas.

4 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2019.2	2020.1	2020.2
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	X	X	
DEFESA			X

REFERÊNCIAS

- BACILA, Carlos Roberto. **Criminologia e Estigmas: um estudo sobre os preconceitos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexão acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BOTELHO, Inês Marques. **Modos de vida e a socialização das crianças em África: O estudo de caso numa aldeia Felupe da Guiné-Bissau**. Dissertação (Mestrado em Sistemas Agrários Tropicais) – Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.
- CÁ, Imelson; RUBIO, Florêncio. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em guiné-bissau. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 58.1, p. 389-421, 2019.
- COUTO, Hildo Honório; EMBALO, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **Revista Brasileira de estudos Crioulos e Similares**, v. 10, 2010.
- DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o Poder: Identidades, Dominações e Resistência na Guiné**. 2. ed. Lisboa: Assírio Bacelar, 2013.
- EMBALO, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **Revista Papia**, v. 18, p. 101-107, 2008.
- FAFINA, Danildo Mussa. **Língua portuguesa: guiné-bissau e brasil um caso de variação linguística**. Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Letras, 2015. Disponível em: <http://www.didinho.org/Arquivo/ARTIGO%20DE%20DANILDO%20II%20CIDS.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- GOFFMAN, Erving. **Estigmas: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deterioradas**. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro. **Ontem menina hoje mulher: o casamento tradicional k'mari na vida das mulheres da etnia papel da Guiné-Bissau**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2016.
- LINK, Bruce G. PHELAN, Jo C. Conceptualizing Stigma. **Annual Review of Sociology**, v. 27, p. 363-385, 2001.
- MELO, Zélia Maria. **Os estigmas: a deterioração da identidade social**. 2000. Disponível em: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.
- MENDES, Francisco Livonildo. **Modelo político unificador**. Lisboa: Chiado, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ofício Circular n. 2/2021/CONEP/SECNS/MS**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2021. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. Acesso em: 13 set. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 13 set. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência da Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC**: Etnicidade como problema na construção duma identidade nacional. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

PINTO, Paula. **Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau**: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) – Centro de Estudos Africanos, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009.

SANÉ, Samba. Os desafios da educação na Guiné-Bissau. **Revista Temas em Educação**, v. 27, n. 1, p. 55-77, 2018.

SILVA, Hélen Cristina; AGUILERA, Vanderici de Andrade. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, v. 2, n. 1, p. 91-113, 2011.

APÊNDICE 1 – INSTRUMENTO DE PESQUISA

Perguntas norteadoras da entrevista

1. Você gosta de falar a língua pepel /felupe?
2. Com que frequência você fala a língua pepel /felupe?
3. Existem contextos, pessoas específicas com as quais você fala a língua pepel/felupe?
4. Como você se sente falando a língua pepel/felupe?
5. Alguma vez, você já se sentiu desconfortável ou constrangido porque estava falando a língua pepel/felupe? Conte-nos como foi.
6. Em algum momento você já sentiu desconforto em falar a sua língua étnica em meio de um público qualquer seja em Guiné-Bissau ou em outro país?
7. Como você acha que as pessoas em geral veem aqueles que falam a língua pepel/felupe?
8. O que simboliza a língua felupe e pepel para você?
9. Caso, um dia você tenha filhos, você tem vontade de ensinar a eles a língua felupe/pepel?
10. Você acha que existem iniciativas de preservar as suas línguas étnicas felupe e pepel?